

# O REPUBLICANO

PROPRIEDADE

— DO —

EDITOR E ADMINISTRADOR,  
António de J. Teixeira  
Comp. e imp. Tip. Minerva Vimaranesse

Centro Democrático Vimaranesse

REDACTOR PRINCIPAL,  
Eduardo d'Almeida  
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

## Da minha terra

### Um sonho

a Francisco P. M.

As raparigas invejosas que fossem dizer à Maria da Pedrosa que o morgado não a amava!...

Fossem lá dizer-lhe mal dele!... Há quinze dias que o namorava, e Deus do céu! onde ia já esse amor!...

E' que avaliava bem todos os sacrifícios que o morgado fazia por amor dela.

Ao anoitecer, lá vinha de longe, falar-lhe ali no eirado; dava-lhe muitas prendas lindas; fazia-lhe mil promessas; segredava-lhe confissões e alimentava-lhe esperanças. E' certo que as raparigas do lugar já comentavam: — E' o morgado que sustenta a quele luxo. — Anda toda emproada, mas um dia...

— Ora!... O morgado é de bom pagar. — Ai que se a mãe não olha por aquilo!... Que ponha os olhos na Zefa do Telhado... — A mãe é tam boa como ela... São duas comedidas... — Não que gente assim... T'arrenego... Eram os apêdos maliciosos que aquelas raparigas despeitadas faziam. A Maria importava-se pouco. Cada vez lhe queria mais. Se havia motivos para desacreditar tanto aquela simples rapariga! — que para todas as companheiras tinha a franqueza dum inocente sorriso e para os estranhos a delicadesa duma saudação alegre...

Triste estava ela naquele dia em que o morgado lhe dissera, logo de manhã cedo, quando partira para a caça, que viria de tarde despedir-se dela.

Deixava-a ficar, ia para o colégio. A sua vontade era que aquele dia se prolongasse muito, muito, que não tivesse fim, que a tarde não chegasse nunca, para que o seu namorado não viesse despedir-se.

Mas quando viu que a tarde se aproximava, e o sol subia, em retirada saudosa, num deliquio de abatimento e cansaço, pelos respaldos dos oiteiros, em derradeira carícia, principiou a enristecer, e o tique-taque monotono do tear era espaçado, muito espaçado e roufenho.

Já não tinha forças para tecer. Muito pertinho, ali no cabeço do oiteiro, o morgado já não ouvia nada.

O tear parara. E ela lá estava, debruçada sobre a teia, com o perfil suave levemente recortado pelo resquício de luz que entrava pela seteira alta, e com os cabelos balsados, numa pasta, dum oiro fulvo e morno.

Depois de a contemplar muito tempo, o morgado transpoz o eido e apareceu-lhe à porta, sem dizer nada.

— O senhor?! e não chamou? — disse a custo Maria, muito admirada e surpresa de susto.

— E para quê? — atalhou o morgado, com um sorriso indiferente a saltar-lhe nos lábios e adiantando-se.

— E o senhor entra?! Não vê que minha mãe pode vir!... —

voltou receosa, apertando com a tenaz apurada dos seus dentes brancos uma fibra tenra dos lábios acerejados.

— Tua mãe!... Ela não diz nada! Tu é que foste sempre assim... E's medrosa, e muitas vezes chegas a ser má.

Maria, bastante preocupada com a insistência, afastou-se um pouco, e foi fechar a porta do fundo, recomendando que falasse baixo. A mãe podia ouvir... Que tivesse cuidado...

— Terei cuidado, Maria, nada receies.

E' certo que é a primeira vez que entro aqui, mas socega, estás em tua casa, estás segura. Subi, para vir alegrar-te em surpresa, para dizer-te que não vou hoje embora. Só parto para o fim do mez.

Os olhos travessos de Maria iluminaram-se, o seu rosto moreno acendeu-se dum rubro queimado de soalheira, e os seus lábios abriram-se em sorriso como um cravo de namorado a sangrar em peito de cachopa enamorada.

— Gosto de te ver alegre, muito alegre. Assim mesmo. Agora, vou dar-te toda a caça de hoje. Pega... Não fui muito feliz... Assim uma coisa...

E em paga, é justo que...

E ia para ela, na esperança dum abraço, quando Maria, como pomba perseguida, afastou-se, e atalhou, lá de longe, do fundo do tear:

— Em paga, é justo que lhe conte um lindo sonho que tive esta noite. Quer?

— Vá lá; também serve. Um sonho!... Tem graça!

E sentaram-se os dois, muito pertinhos um do outro.

— Não quer? — disse Maria.

— Porque não hei-de querer?! No entanto sempre merecia mais, quem muito te tem oferecido.

Mas vá, conta, porque eu gosto muito de ouvir contar sonhos — continuou o morgado, acarinhando-lhe as mãos delgadas.

— E o senhor nunca sonhou?

— Tenho sonhado algumas vezes.

— Sim?!

— E' verdade. E sempre contigo.

— E nunca me contou nenhum... — Mas prometo. — Eu sonhei...

— me... não quero... deixe-me... Olhe que não conto. — Conta, vá. — Eu sonhei...

E o morgado não deixou dizer mais, não quiz saber, porque tapou-lhe a boca pequenina, de lábios finos e rosados, com uma aluvião infundável de beijos afogueados, sofregos, intermináveis...

A. V.



### D Mateiro e a Morte

(Fábula de Esopo)

Suando com a lenha, que lhe amarga, Encurvado Mateiro de annos cento, Seu caminho seguiu a passo lento, E o corpo retorcido a huma lharga.

Fatigado por fim o pézo larga, E sobre elle fazendo triste assento, A morte chama em misero lamento, Resoluto a não mais tomar a carga:

A morte, importunada ao seu gemido, Lhe apparece, e o encontra de mãos postas, Orando aos Ceos da vida aborrecido:

Que me queres (lhe diz) vé de que gostas? Quem, eu! (responde o velho arrependido) Que me ajudes a pôr o feixe ás costas.

THOMAZ ANTONIO DOS SANTOS E SILVA.

(Cetobricense).



### Antonio de Carvalho Cyrne

E' hoje que, pelo motivo da sua retirada desta cidade, um grupo de dedicados amigos de Antonio de Carvalho lhe oferece um banquete na nobre e linda casa de Vila Pouca.

Se a festa não tivesse um certo character político, com muito prazer assistiríamos a ela, exteriorizando assim a nossa simpatia ao belo character e a nossa leal homenagem ao jornalista illustre que é Antonio de Carvalho.

Adversários políticos intransigentes, já por mais duma vez, simplesmente, aqui soubemos fazer justiça ás suas excellentes qualidades.

Não esconderemos hoje, embora de longe da festa, a nossa saudade, fazendo sinceros votos por que tenha, no futuro, alegrias e prosperidades.

\*

## Independência Nacional

A festa do Primeiro de Dezembro entrou nos costumes populares não tanto pela audácia do movimento que nos libertou da dominação espanhola dos Filipes, como pelo claro significado de que não ha, em toda a nossa gloriosa historia, mão estrangeira por mais forte que consiga subjugar-nos definitivamente. Um tiro disparado a propósito numa figura representativa decidiu dos destinos dum povo — e o medroso Bragança pôde facilmente, como disse Oliveira Martins, descer das suas propriedades de Vila Viçosa á capital, onde o esperava o trono. Mais custoso foi sustentar a aventura: o soldado português honrou a sua farda e ergueu, soberana, a bandeira da Pátria.

A festa, neste momento, a todos nos recorda o particular dever de fidelidade ás nossas tradições, dever moral pela historia, dever instantane, primordial dever de conservação, dever juridico pela situação internacional em que estamos colocados, dever altissimo ao nosso nome no passado, á nossa honra no presente, ás nossas prosperidades — o futuro da familia e da raça, — no futuro.

Não é demais recorda-lo, simplesmente, chãmente, porque, enquanto lá fora as nações se guerreiam, nós podemos observar, em nossa própria terra, uma luta de encarniçado desvairamento dos mais tórpes egoismos.

## Acrobatismos

A imprensa monarchica, com uma sinceridade enternecedora, toda ela declama a necessidade e patriótica obrigação de honrarmos a aliança inglesa, mandando os nossos soldados para os campos de batalha. Assim o determina á espécie de súditos que descobriu agora em Portugal o senhor D. Manuel, que, á maneira papal, parece adoptar o sistema da enciclica, a não ser que pense proseguir no *discurso da corôa*, recitado por outrem num chá em familia.

Talqualmente juram os varões assinalados que, no cantinho da occidental praia lusitana, vão entretendo os ocios na esperança (é ancestral a nossa tendencia sebastianística) do dia em que de novo hão de vestir as fardas reluzentes e desembainhar as espadas inuteis, quantas enferrujadas de cobardia!...

O herói de Voltaire, se andasse por aqui em turismo, em tratado sério de penosas congeminções se toparia a si mesmo quando quizesse descobrir a ignota razão porque, estando todos cordealmente apostados e acordados e resolvidos na mesma orientação infosismável, nunca a desarmonia foi mais flagrante, os odios mais vivos, a politiquice mais desenfreada.

Por honra nossa não acreditamos, mesmo contra a evidencia de documentos suspeitos e revelações sensacionais, que alguns monarchicos, precisamente os que

teem maiores responsabilidades, não falem verdade, isto é: não exteriorizem o que pensam e sentem quando, esquecendo lutas de formas de regimen, querem ver a Patria honrada honrando os seus compromissos, e dignificada — com os seus filhos batendo-se com os aliados. Mas como explicar, senão porque esses sejam uma minoria, que tantos outros, constantemente, em todos os seus actos, na barbearia e no café, lendo os jornais e conversando em familia, façam a mais anti-patriótica propaganda, lançando dúvidas e confusões, afirmando e jurando que os nossos soldados nunca partirão! Quem os não tem ouvido?

E ha cada exemplo... e cada exemplar...

## Festas Niçolinas

Para a rapaziada académica — um alegrão; para nós outros, arrastados pelas ondas da vida para o deserto impiedoso do mar alto — uma saudade...

E a saudade evoca, no segredo do coração, os primeiros amores de criança, as namoradas, que os nossos olhos, cheios de luz da mocidade, aformoseavam de celeste beleza, supremas encarnações da arte!, a quem, sangrando ao alto das lanças, oferecemos, tão galhardamente como se fosse o próprio coração, as maçãsinhas coradas...

A neve dos caminhos... folhas que o vento leva... lágrimas que floriam em beijos; sorrisos que, feridos de morte, hoje brilham apenas, na urna sepulcral do coração, como estrelas por noite de gelo...

## O Egoismo

(duma conferencia do dr. Americo de Castro)

Uma sêca cõdea de pão transformou o homem em lobo do homem.

A vida de um é assim mantida á custa da vida do outro.

E o que representa esse facto senão uma perfeita manifestação do egoismo?

Pois não significa a palavra egoismo: — primeiro eu, depois eu e sempre eu?

O homem por si, pelos seus interesses, pela sua felicidade, é capaz de tudo, absolutamente tudo.

A's vezes, por um simples bocado de gleba ou por um desvio de rego de agua, não vemos nós o lavrador dos nossos campos correr à enxada o seu vizinho, deixando-o prostrado por terra?

A vida do seu semelhante, para elle, é menos do que um bocadinho de agua, representa menos do que um naco de terra.

Mas avancemos. No mar alto ouve-se o ribombar do trovão, sinistramente os raios iluminam a superficie das aguas.

O mar, encapelado, ergue as suas temerosas vagas em montanhas que estrondosamente batem o navio por todos os lados, tornando-o brinquedo de crianças.

A marinhagem está a postos, obedecendo á voz do comandante.

A bordo, passageiros supplices, erguendo as mãos aos ceus, pedem ao seu Deus que amaine a procela.

Ha lágrimas nos olhos de lindas mulheres, por sobre aquele infernal marulhar das ondas ouvem-se os cânticos religiosos de almas crentes.

Nisto, o navio é invadido pelas aguas, o seu casco é despedaçado, inclinando-se um pouco. O comandante manda então arriar escaleres, e aquella orquestra tragica e ao mesmo tempo tocada dum misticismo encantador, cede logar ás imprecações, aos insultos daqueles que, ante a morte que se avizinha, sacrificam os seus semelhantes que, por terem direito á vida, pretendem embarcar tambem nos escaleres abarrotados de gente.

E quantas vezes, nesses tragicos momentos entram em acção a faca e o revolver?

Em nome da propria salvação, sacrificam-se assim a vida do proximo.

E não é tambem esse facto a demonstração cabal do egoismo?

### De mau humor

Ha momentos em que o tédio da vida nos invade e domina tão absorventemente que só nos despertaria o riso o vermos o nosso proprio corpo balouçando pendurado duma força.

Os fósforos são ordinariamente detestáveis. E' mesmo a sua unica qualidade característica. Mas na mão dum homem irritado não ha fósforo que pegue.

Um dia procurei-a por toda a cidade, o coração aos estalos, a quasi cafr de fadiga... e não consegui vê-la. Hoje não ha maneira de dobrar uma esquina que me não esbarre com ela... e largue a fugir.

JOÃO FERNANDES.

### Conde de Villiers de l'Isle-Adam

#### A TORTURA PELA ESPERANÇA

(Conclusão)

Sem hesitar, todavia, aventurou-se pelo corredor, premindo-se contra a parêde das frestas, procurando confundir-se com a sombra espessa das longas muralhas. Caminhava lentamente, arrastando-se sobre o peito—e sufocando os gritos quando uma chaga, recentemente avivada, o lancinava.

De repente, o ruído duma sandália que se aproximava, chegou-lhe no eco da alea de pedra. Sacudiu-o um tremor, a ansiedade abafava-o, obscureceu-lhe a vista. Tudo acabara por certo! Aninhou-se, encolhido, numa cavidade, e, semi-mórto, esperou.

Era um familiar apressado. Passou rapidamente, um arranca-músculos pendurado, a cagula descida, terrível, e desapareceu. O terror que enlaçara o rabino como que lhe suspendeu as funções vitais e ele ficou, quasi uma hora, sem poder efectuar um movimento. No receio de uma recrudescência de tormentos, reflectiu, pensou em voltar á prisão. Mas a velha esperança segredava-lhe, na alma, o divino. Talvez, que reconforta nos piores transe! Houvera um milagre! De novo rastejou para a evasão possível. Extenuado de sofrimento e de fome, tremendo de angústia caminhava!—E o corredor sepulcral parecia prolongar-se misteriosamente! E, avançando sempre, olhava a sombra, lá ao longe, onde devia haver uma porta salvadora.

—Oh! oh! De novo passos soaram, mas, desta vez, mais lentos e mais sombrios. As formas brancas e negras, de compridos chapéus de abas enroladas, de dois inquisidores apareceram-lhe, emergindo da treva, lá abaixo. Conversavam em voz sumida e pareciam em controvérsia sobre um ponto importante, porque as suas mãos agitavam-se.

Ao vê-los, rabi Aser Abarbanel fechou os olhos: o coração batia-lhe a ponto de o matar; os seus farrapos encheram-se dum frio suor de agonia, quedou-se estupefacto, estendendo-se ao longo do muro, á sombra duma lamparina, imóvel, implorando o Deus de David.

Chegados em sua frente, os dois inquisidores pararam á luz da lampada, por um acaso sem dúvida proveniente da discussão.

Um dêles, ouvindo o interlocutor, deitou os olhos para o rabino. E, a este olhar, cuja expressão distraída não compreendeu logo, o desgraçado julgou sentir as tenazes rubras morderem ainda a sua pobre carne; ia, pois, tornar a ser um queixume e uma chaga! Desfalecendo, sem poder respirar, as pálpebras batendo, tremia ao roçar daquêle habito. Mas, coisa ao mesmo tempo estranha e natural, os olhos do inquisidor eram evidentemente os dum homem profundamente preocupado com o que vai responder, absorvido pela idea do que escuta, estavam fixos—e pareciam olhar o judeu sem o ver!

Realmente, ao cabo dalguns minutos, os dois sinistros discutidores seguiram o seu caminho, a passos lentos, e sempre conversando em voz baixa, para a encruzilhada donde o cativo saíra: não o tinham visto!... No horrível embate das sensações, uma idea atravessou-lhe o cérebro: «Estarei eu efectivamente morto, para que me não vejam?» Uma funesta impressão arrancou-o da letargia: olhando o muro, mesmo em frente do seu rosto, julgou ver, á face dos seus, dois olhos ferozes que o observavam!... Lançou a cabeça para trás num transe perdido e brusco, os cabelos eriçados. Mas não! não. A sua mão tacteando a pedra, desenganara-o de que era o reflexo dos olhos do inquisidor, que êle tinha ainda na retina, e que refractara sobre duas manchas do muro.

A caminho! Era preciso apressar-se para o fim que imaginava (doentamente sem dúvida) ser a libertação! para a sombra de que já não distava senão uns trinta passos, aproximadamente. Seguiu, pois, mais ligeiro, sobre os joelhos, sobre as mãos, sobre o ventre, a via dolorosa; e quasi logo entrou na parte obscura do gélido corredor.

De repente, o desgraçado sentiu frio por cima das mãos que apoiava nas lages; isto provinha dum violento sopro de ar saindo por baixo duma pequena porta, onde terminavam as duas parêdes.—Ah Deus! se esta porta se abrisse para a liberdade! Tôdo o ser do lamentável evadido teve como uma vertigem de esperança!—Examinou-a de cima a baixo, sem poder bem fixa-la por causa da escuridão que o cercava.—As suas mãos procuravam e não encontravam nem ferrolhos nem fechadura. Uma tranqüeta!... Levantou-se: a tranqüeta cedeu, a silenciosa porta abriu-se.

«Aleluia!...» murmurou, num imenso suspiro de acção de graças, o rabino, agora de pé na soleira, á vista do que lhe apparecia.

A porta dava para uns jardins, sôb uma noite de estrelas! prolongando-se até os montes, cujas sinuosas linhas azuis se desenhavam no horizonte;—ali, estava a salvação!—Oh! fugir! Corre-ria tôda a noite por entre os li-

moeiros de que sentia o perfume. Uma vez na montanha, estava salvo! Respirava o bom ar sagrado; o vento reanimava-o, os pulmões resuscitavam. Ouvia em seu coração dilatado, o *Veni foras* de Lazaro! E, para louvar ainda o Deus que lhe concedia a misericórdia, estendeu para a frente os braços, levantou os olhos ao firmamento. Foi um extase.

Então, pareceu-lhe ver a sombra de seus braços voltar-se sobre si mesmo:—pareceu-lhe sentir que uns braços de sombra o cercavam, o enlaçavam,—e que era ternamente abraçado contra um peito. Uma alta figura estava, com efeito, junto da sua. Confiado, abaixou o olhar para essa figura—e estacou ofegante, desvairado, olhar mórto, trémulo, soprando pensosamente e escumando de espanto.

—Horror! estava nos braços do proprio Grande-Inquisidor, do venerável Pedro Arbuez d'Espila, que o fitava, olhos arrasados de grossas lágrimas, com o ar do bom pastor que encontra a ovelha perdida!

O sombrio sacerdote apertava ao coração, com um impulso tão fremente de caridade, o desgraçado judeu, que as pontas do cilicimonacal picaram, através do habito, o peito do dominicano. E, enquanto o rabi Aser Abarbanel, os olhos revulsos nas pálpebras, agonizava de pavor nos braços do ascético dom Arbuez e compreendia, confusamente, que *tôdas as fases da noite fatal eram apenas um suplicio previsto, o da Esperança!* o Grande Inquisidor, com um acênto de amarga censura e o olhar consternado, murmurava-lhe ao ouvido, com um halito quente, e alterado pelos jejuns:

—Pois quê, meu filho! Na vespera, talvez, da salvação... querias deixar-nos!

(Do Contes Cruels).

### A igreja da Oliveira

Voz em grita clama providências um devoto da igreja da Oliveira e tambem... de monumentos nacionais—porque dentro deste templo cáem uns pingantes e não há, pelo visto, quem queira pagar a um mestre trolha para os ir tirar. O caso é realmente de suma gravidade, já pelos impedimentos que esses pingantes naturalmente trazem ao exercicio do culto, já pelos «gravos de lesa arte que os ditos pingantes produzem ao monumento.

Diante, pois, desta bicuda situação, e sob cujos dous aspectos a encara um articulista do «Ecos de Guimarães», plenamente se justifica o protesto desse anónimo e de quantos, antes dele, teem clamado providências aos deuses—para que o ping ping das chuvas se não converta, por negligência dos homens e com o andar dos tempos, em camartelo iconoclasta daquela preciosa reliquia e documento da nossa melhor tradição histórica.

Estou, porém, em desacôrdo quanto á entidade em quem o articulista quer ver a obrigação de olhar pela conservação do templo—a não ser que êste, guiado mais por paixões católicas, queira ter a veleidade de olvidar a letra da lei de 20 de Abril de 1911 que é a reguladora do assunto. Seja todavia como fôr, o caso é que a lei diz o seguinte:

«Artigo 86.º. As catedrais, igrejas e capelas que teem servido ao exercicio público do culto católico... serão cedidas gratuitamente e a título precário... á corporação que... fôr encarregada do respectivo culto.»

A concessão gratuita traz contudo esta obrigação á qual não pode fugir a entidade encarregada do respectivo culto:

«Artigo 93.º. A concessão gra-

tuita... terminará, e o culto público deixará de realizar-se em qualquer desses edificios,.....

«4.º. Se a conservação do edificio... fôr prejudicada ou passar a ser suportada pela entidade proprietária, em consequência do não pagamento, por parte da corporação encarregada do culto, das quantias necessárias para aquella conservação e para os respectivos seguros contra incêndios, que serão obrigatórios e contratados a favor e em nome da entidade proprietária.»

Fica-se deste modo sabendo, sem sofismas nem habilidades, que a entidade, a quem cumpre reparar os telhados do vetusto templo da Oliveira, é a corporação ou corporações encarregadas do culto que ali se exerce.

E a quem é que compete, neste caso, chamar essa gente ao cumprimento dos seus deveres? Sem contestação compete essa obrigação áquella entidade a quem o Estado delegou, perante a propriedade, direitos de o representar, conforme se vê do citado decreto:

«Artigo 106.º. Os edificios... a que se refere o artigo 89.º, ficarão sob a guarda e conservação das juntas de paróquia respectivas...»

E logo a seguir acrescenta como esclarecimento:

«Artigo 107.º. Para os efeitos do artigo anterior, a corporação encarregada do culto... por á disposição da junta de paróquia os fundos necessários para as despesas com a guarda e conservação dos edificios... destinados ao culto e pagamentos dos prémios de seguros.»

E' natural, porém, que em face do pensamento católico das corporações encarregadas do culto na igreja da Oliveira, é natural—quem sabe!—que haja divergência, discordando dêste critério legalista. Se assim acontecer, ainda a mesma lei indica êste caminho a seguir:

«Artigo 108.º. Em caso de divergência entre a junta e a entidade que deve fornecer os fundos, decidirá a autoridade administrativa municipal, com recurso para o juiz de direito da respectiva comarca, em processo gratuito, sem selo e sem formalidades especiais.»

¿Mas que divergências é que pode haver se a letra da lei é tam categórica e tam expressa? Apelo, portanto, para a Junta de Paróquia da Oliveira para que esta entidade, unica legitima representante dos direitos do Estado sobre o monumento, convide as irmandades fabriqueiras, aquellas que sustentam o exercicio do culto na igreja da Oliveira, a mandar reparar os telhados ou a entregar a verba necessária para esse concerto—já não ser que essas corporações queiram ter a veleidade de impugnar o decreto de 20 de Abril de 1911, cujo assunto o dito decreto regula!

Ha outros pontos no artigo do «Ecos de Guimarães» a que me estou referindo, dignos, talvez, de serem apreciados. Eles envolvem, todavia, uma intenção tam jacobinamente monárquica que julgo ser melhor não lhes tocar.

Aquella... treta de «ódio demagógico» em que nos fala o articulista, é uma léria tam cossada que, positivamente, não vale já as honras duma discussão a sério. Na opinião dessa gente a lei de Separação é uma lei de usurpação, e, dizendo assim, não fazem mais que repetir a *scie* dos «legitimistas» quando a monarquia constitucional, em seu advento, esfolava dos haveres a farta fradallhada destes reinos em troca duma pensão bem menos equitativa que a da Republica.

Já então, quasi um século decorrido, as coisas entre o temporal e o espiritual se passavam por modo idêntico áquella que hoje se observa, e, o que dêste vago esmiuçar histórico se deduz—é que assim como a monarquia constitucional neste ponto restrito não voltou atraz, tambem a Re-

publica no caso em questão atraz não volta, por muito que digam e preguem os defensores do mau passado.

¡Ora pois, toca a pegar na lei... caminhar para diante!

A B C



Já quasi um mês decorreu desde que um decreto governamental veio pôr termo aos trabalhos eleitorais a que com todo o afan se vinha procedendo.

O decreto, aparecendo apenas dois dias antes daquele em que nas urnas ia decidir-se a sorte dos combatentes, surpreendeu a maioria e deu a alguns ensejo a comentarios picarescos e ridiculos, para não lhes chamarmos maus e pérfidos. Mas deixemos os factos consumados, que não é oportuno discutir e conversemos um pouco acerca dos trabalhos eleitorais. Sem dúvida que êles são assaz conhecidos de todos aqueles que por «*fas ou nefas*» tiveram de ver-se nêles envolvidos. Em todo o País se trabalhava com denodado afino e arreigado entusiasmo, e de Norte a Sul os diversos partidos faziam a apologia do seu programa administrativo, ao mesmo tempo que, batendo de porta em porta, iam solicitando dos seus amigos o cumprimento de suas promessas. Mas sem dúvida alguma um dos municípios em que a luta era mais acesa e o trabalho mais pertinaz era o de Guimarães.

Aqui vimos duas listas para a administração municipal, uma puramente partidária, organizada com elementos do Partido Republicano Português, e outra constituida por individualidades de todos os restantes partidos políticos desde o católico e monárquico ao evolucionista e ao independente.

Todos advogavam com admirável denodo o valor dos seus candidatos e era gaudío ouvir cantar a prematura vitória de um e outro lado. De qual ela estava, não é oportuno agora discuti-lo nem ao menos ventila-lo. Uma coisa porém é bem digna de nota—a desigualdade da lucha—de um lado um unico partido, apoiado apenas na fé devotada do seu ideal e na austera observância da disciplina partidária, de outro lado uma coligação absorvente que esquecendo velhas e justas desinteligencias e desconsiderações se deu as mãos para unicamente se entregar á vaidosa e estulta satisfação do seu ódio encarnizado ao partido inimigo. E esta união de momento, que, estamos certos, seria pouco duradoura, só era todavia caracterizada por um extraordinário esforço, que não descurava nem de noite nem de dia. E prevenindo tudo, lançando mão de todos os meios, desconfiando de tudo e de todos ia constituindo um inimigo encarnizado contra o qual era preciso estar de atalaia.

Que bela lição foi esta para os ingénuos e incautos do Partido Republicano Portuguez!

Demasiado se confiam na oferta deste e daquele que, em troca de uma promessa balofa, solicitava um grande favor. Mas quando sóou a hora do ajuste de contas, quantas desilusões! Risos sarcásticos atirados ás costas daqueles a quem se tinham recolhido no momento crítico foram a resposta dada, vezes sem conta, por esses recantos do concelho. E aquêles a quem seguramente a consciência segredaria o dever, recusaram ouvi-la para seguir velhos caciques dos tempos idos, esquecendo ver-

gonhosamente os seus compromissos de ontem. E foi assim que o Partido se viu envolvido em uma luta tenaz que facilmente teria evitado se a cegueira da protecção houvesse sido menor. Que a lição nos sirva e que o dia de amanhã corrija os vícios de ontem.

ALFREDO FERNANDES.

**Leis e Jurisprudência**

**Contravenções e transgressões**  
*Lei de 29 de Setembro de 1916*  
Estabelece que a instrução e

juízo de processos de contravenção e transgressão de posturas e regulamentos de policia e dos corpos administrativos que não digam respeito á fiscalização e cobrança dos seus impostos indirectos, pertencem, salvo em Lisboa e Pôrto, aos juizes de direito das respectivas comarcas, observando-se o disposto nos capítulos 2.º a 5.º da lei n.º 300 de 3 de fevereiro de 1915.

Torna dispensável a assinatura dos contraventores e transgressores nos autos de noticia referidos no art. 4.º da referida lei, e determina que esses autos aguardem

dez dias o pagamento voluntário, na secretaria do corpo administrativo a que a contravenção ou transgressão disser respeito, devendo, no caso de falta de pagamento, ser remetido ao tribunal nos cinco dias posteriores.

Mandar julgar em policia correccional os infractores dos art.ºs 142 a 145 do regulamento para o serviço de requisições militares de 26 de agosto de 1913.

Também, na sua casa, à rua de Camões, faleceu o sr. Manuel Rodrigues Marinho, antigo empregado da Câmara Municipal. Pesames aos doridos.

**Carteira**

Progridem as melhoras do illustre vimaranense, sr. Conde de Margaride.

Ao sr. António de Carvalho Girne, que retira desta cidade para a Foz do Douro, onde vai fixar residência, é oferecido pelos seus amigos um banquete, que tem hoje lugar no palacete de Vila Pouca.

A recita de gala promovida pela academia vimaranense, comemorando a data gloriosa de 1 de Dezembro de 1640, foi uma festa interessante, simpática e muito concorrida.

A sala do teatro oferecia um aspecto deliciosamente lindo.

No dia 8 do corrente, realizou-se a festividade da Senhora da Conceição, no local do mesmo nome, havendo o tradicional arraial das *passarinhas*.

Foi nomeado médico escolar do liceu desta cidade, o nosso conterrâneo e amigo sr. dr. João de Almeida Júnior.

**Pela imprensa**

Recebemos o número 359 da acreditada revista «Enciclopédia das Famílias» cujo sumário é o seguinte:

- História do Napoleão.*
- Poesias.*
- Filatelia:* Sêlos de guerra.
- Letras & Artes:* Costa Alegre (com gravura).
- Helioterapia:* Sem sol não há saúde.
- Variadas:* História do pente.
- Trigonometria prática:* Modo prático de medir alturas.
- Numismática:* A moeda, desde os tempos mais remotos.
- Datas memoráveis:* 14 de Outubro—9 de Novembro.
- Vila Real:* Igreja dos Clérigos (gravura).
- Cinegética:* Uma caçada ao gorilo (com gravura).
- Contos e novelas:* A tentação.
- Educação e ensino:* Vicente de Paulo (com gravura).
- Crenças e superstições:* Os amuletos e a sua origem—Superstições curiosas.
- Descobertas scientificas:* Algodão hidrófilo sem algodão—O alumínio antidoto do mercúrio.
- Japão:* O edificio camarário (gravura).
- Nobreza trasmontana:* Casa do Terreiro.
- Mosaico:* Os músculos das aves e a aeronáutica—Barra com 140 anos—Uma torre para o público—Plantas que parecem pedras—A luz e as borboletas—Quando se deve provar o calçado—Maravilha mecânica—O pensamento humano—Antigas leis britânicas—Sêlos raros, etc., etc.
- Teatro:* O dente postico, acto em prosa, adaptação de Henrique Marques Júnior.
- Conselhos e receitas:* Tinta para escrever em porcelana—Contra o frio—Verniz para objectos de latão—Luz nos quartos das crianças—Para tomar o óleo de ricino—Contra a espuma do leite—Contra a irritação produzida pela navalha de barba.
- Anedotas.*
- Secção recreativa.*

Desta Revista continua saindo regularmente um belo número mensal de 80 páginas, profusamente ilustrado, impresso em optimo papel e composto em tipo especial, formando no fim do ano um importante volume de 960 páginas pela módica quantia de 800 réis.

Enviem-se números espécimens a quem os requitar a Manuel Lucas Torres. Rua Diário de Notícias, 93, Lisboa.

**ANUNCIO**  
**Arrematação**

(2.ª Publicação)

No dia 10 do proximo mez de Dezembro, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, sito na rua Gravador Molarinho, desta cidade, se teem de arrematar, em hasta publica e pelo maior preço acima da avaliação, os bens de raiz abaixo designados, isto no processo de execução por custas e multas, em que é exequente o Ministério Público, nesta comarca, e executadas Deolinda Rosa Teixeira e sua irmã Josefa Teixeira, casadas, operárias fabris, a primeira da freguezia de S. Cosme da Lobeira, e a segunda de S. Torcato, desta comarca, a saber:

Uma morada de casas terrea e telhada, com um cortelho, parte telhado e parte destelhado, quinteiro, e tendo ao sul um bocado de terreno de horta com arvores de vinho uma nogueira e uma laranjeira, situada no Souto ou Barroca, da freguezia de S. Cosme da Lobeira.

Acha-se avaliada na quantia de 50\$00.

Uma leira de terra lavradia com arvores de vinho, denominada do Tranquilo, situada na freguezia de S. Cosme da Lobeira.

Acha-se avaliada na quantia de 15\$00.

Uma leira de terra lavradia com arvores de vinho e um bocado de terra de horta tambem com arvores de vinho a que chamam os Campos, situada na freguezia de S. Cosme da Lobeira.

Acha-se avaliada na quantia de 15\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

Guimarães, 18 de novembro de 1916.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,  
**Santos.**

O escrivão,  
**Luis Candido Lopes.**



**NOTICIOSA**

**Pela imprensa**

O nosso illustre colega—*Justiça de Fafe*—transcreveu no número de 26 de novembro, a nossa nota da *Vária* sobre o illustre homem público que foi o—*Dr. Francisco Beirão*—.

Recebemos e agradecemos a visita d'—*O Orfeonista*—, órgão defensor do Orfeon Famalicense, quinzenário de que é redactor-chefe o sr. Alberto d'Araujo.

O número que temos presente é em parte consagrado á próxima visita do Orfeon a Guimarães, visita que está despertando justificado interesse.

**Assuntos militares**

O sr. comandante do 6.º regimento da 3.ª brigada da Divisão de Instrução, em ordem regimental de 18 do corrente, louva todos os officiaes, sargentos, cabos e soldados que últimamente receberam instrução militar em Tancos, especializando os seguintes officiaes: Major do 3.º batalhão, José António de Araújo Júnior; capitães do 3.º batalhão, Gerales de Figueiredo de Abreu e Castro e Roque Maria Teixeira; alferes-médicos milicianos, Virgílio Joaquim de Almeida e Egídio Costa Aires Azevedo, pela dedicação, zelo e intelligência que demonstraram durante o periodo de instrução.

As pessoas que requereram o subsidio a que se refere o decreto n.º 2498, de 11 de Julho último—serviço de mobilização—devem apresentar-se na secretaria da administração do concelho para informar-se sobre se lhe foi concedido esse subsidio, pois já alguns se encontram naquela repartição, em pagamento.

**Juri Comercial**

Em cumprimento do preceitua-do no art.º 59.º do Cód. de Proc. Com., procedeu-se no tribunal judicial desta comarca ao sorteio do juri comercial para o proximo futuro ano de 1917, dando o seguinte resultado:

1.ª pauta—António da Cunha Mendes, Francisco António Alves Mendes, Albino Pereira Cardoso, António de Araújo Salgado, Francisco de Assis da Costa Guimarães, Manuel Martins Barbosa de

Oliveira, António Virgem dos Santos, José Pinheiro, António José Fernandes, António José Lopes Correia, João Rodrigues Loureiro, Benjamim Constante da Costa Matos, José Figueiras de Sousa, José António Alves de Abreu, Eduardo da Silva Guimarães Sobrinho, António Antunes de Castro, Albano Pires de Sousa, Agostinho das Neves Guimarães, António José Ribeiro, Eduardo Paulo da Silva e Manuel Bento Ribeiro.

2.ª pauta—Bernardino Jordão, José de Oliveira Meira, Luis José Gonçalves Bastos, Simão da Costa Guimarães, Manuel Pereira Bastos, Francisco Martins Fernandes, Bento dos Santos Costa, António Pereira da Silva, Eduardo da Silva Guimarães, Abílio José da Cruz, Bernardino José Ferreira Cardoso Guimarães, Pedro Pereira de Freitas, António de Assunção Pires, Augusto Pinto Areias, dr. Domingos de Sousa Júnior, Joaquim Patricio Saraiva, Alfredo de Almeida Graça, José Salgado, Manuel José de Carvalho, Francisco Gonçalves Júnior e António Ribeiro Barreto Guimarães.

**Instrução**

Abriu ontem, no Centro Republicano de Guimarães, um curso nocturno de ensino primário gratuito.

**O novo edificio da Câmara**

O juri incumbido de apreciar os projectos apresentados ao concurso do novo edificio dos Paços do concelho, que era constituído dos srs. Mariano da Rocha Felgueiras, presidente da Comissão Executiva da Câmara, architectos José Alexandre Soares, António Pires Dias Guimarães, Leonel Gaia, e professor Abel Cardoso, depois de várias sessões, classificou 4 dos 11 projectos concorrentes, por esta ordem:—Em primeiro lugar o projecto «Ourique» do distinto architecto portuense, sr. Marques da Silva, a quem cabe, por isso, o prémio de 1:500\$00; em segundo lugar, o projecto «Citânia» dos architectos Sousa, Rosas e Ferreira, a quem cabe o prémio de 500\$00; em terceiro lugar, o projecto «Lusitânia», do sr. Edmundo Tavares, a quem cabe o prémio de 250\$00; e com menção honrosa o projecto «Ite et Vincet».

O projecto classificado em pri-

meiro lugar, tem sido muito apreciado, e assim louvada a decisão do juri, pois o referido projecto é uma verdadeira obra de arte e o que mais consubstancia as tradições vimaranenses.

Ao notável architecto, sr. Marques da Silva, as nossas felicitações.

**Orfeon Famalicense**

Como já referimos, este distinto Orfeon, visita a nossa cidade no dia 8 do corrente mês, dando um espectáculo no teatro D. Afonso Henriques.

Para tratar da recepção a fazer aos nossos visitantes, reuniram vários cavalheiros e todos os representantes da imprensa local e correspondentes dos jornais do Pôrto e Braga.

Trocaram-se impressões e foi nomeada uma comissão com o encargo de promover a recepção, que, cremos, nunca desmentirá os créditos de que Guimarães goza, como hospitaleira.

Essa comissão ficou constituída dos seguintes srs.: Alberto Costa, Paulo Lobo Machado, Luis Trêpa, Tomás Rocha, Domingos Freiria, João Veloso de Araújo, Arlindo do Souto, José Ramos, Alvaro Mesquita de Araújo, Domingos da Cunha Mendes, e representantes da imprensa local, do Pôrto e Braga.

Para tomarem parte na recepção vão ser convidadas as colectividades vimaranenses, sendo os orfeonistas recebidos no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento.

**Contribuição**

De 5 a 10 do corrente mês, está em exposição na repartição de finanças, a matriz de contribuição industrial do corrente ano, para ser examinada pelos interessados e reclamarem sobre: erro na passagem das colectas para a matriz, erro no cálculo de impostos e adicionais, ou por deixarem de exercer a indústria em 1, 2 ou 3 trimestres.

**Falecimentos**

Em S. Tomé de Aباção, faleceu a mãe dos srs. Domingos e Albino Pereira Cardoso, negociantes da nossa praça.

# Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Agua meso-termal, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioativas.

## AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

# INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.  
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.  
» administrativo—José Caetano Pereira.

**Instrução primária.** Montou-se uma aula modelo com professor habilitadissimo. Alunos internos e externos.

**Instrução secundária.** Cursos do liceu—no Liceu de Guimarães, no mesmo edificio. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para este curso admitem-se externos.

**Instrução profissional.** Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Cientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

**Instrução artistica.** Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

**Educação física e moral.** Inspeção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de marmore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Ginnásio académico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronto. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

# FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.º corpo clínico

— Aos seus amigos

— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.ª

# DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

## Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes  
Completo sortido em molduras para quadros  
Papel para forrar casas  
Azulejos e mosaicos  
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.ª

78, Rua da República—GUIMARÃES

## “PROSPERIDADE”

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

**DOMINGOS VINHAREIRO & F.ªs**



GÊNEROS DE MERCEARIA

—E—

**CONFÉITARIA**

SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para casamentos, batizados e soirés.

ESPECIAL CAFÉ Á CHÁVENA

—DA—

**BRAZILEIRA**

**CONFÉITARIA** **PARISIENSE**

# VAGO

## AOS FUMADORES CIGARROS DO PARÁ

Finissimos, de aroma especial, fabricados do melhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos próprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na sede da agência

**MERCEARIA TRAZ DE S. PAIO**

Rua Dr. Avelino Germano, 45—GUIMARÃES

DESCONTO AOS REVENDEDORES

## O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranesse

(Publica-se aos sábados)

### PREÇO DA ASSINATURA

Ano . . . . .	1\$80 cent.
Semestre . . . . .	\$65 "
Brazil, ano (moeda forte) . . . . .	2\$50 "
Número avulso . . . . .	\$03 "

### PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha . . . . .	4 cent.
Repetição, por linha . . . . .	2 cent.
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os ars. assinantes 25 % de abatimento.	

## O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano

PUBLICA-SE AOS SÁBADOS

Num. 34

*Ao Cidadão*